









Os Jovens Portugueses no Contexto da Ibero-América

José Machado Pais
Cícero Roberto Pereira
(coordenadores)

ICS Imprensa
de Ciências
Sociais

Imprensa de Ciências Sociais



**Instituto de Ciências Sociais
da Universidade de Lisboa**

Av. Prof. Aníbal de Bettencourt, 9
1600-189 Lisboa - Portugal
Telef. 21 780 47 00 – Fax 21 794 02 74

www.ics.ulisboa.pt/imprensa
E-mail: imprensa@ics.ul.pt

Instituto de Ciências Sociais – Catalogação na Publicação

Os jovens portugueses no contexto da Ibero-América /
coord. José Machado Pais, Cícero Roberto Pereira. -
Lisboa : Imprensa de Ciências Sociais, 2016
ISBN 978-972-671-379-1
CDU 316.3



Capa e concepção gráfica: João Segurado
Revisão: Soares de Almeida
Impressão e acabamento: Manuel Barbosa & Filhos, Lda.
Depósito legal: 418791/16
1.ª edição: Dezembro de 2016

Índice

Os autores	15
Prefácio	19
Introdução	21
<i>José Machado Pais</i>	
Parte I	
Valores, atitudes e perceções	
Capítulo 1	
Valores e atitudes perante temas socialmente sensíveis	33
<i>Cícero Roberto Pereira</i>	
Capítulo 2	
Perceções de violência social	53
<i>Simone Tulumello e Cláudia Casimiro</i>	
Capítulo 3	
Sexualidade e métodos contraceptivos	75
<i>Sofia Aboim</i>	
Parte II	
Confiança nas instituições democráticas e participação	
Capítulo 4	
A participação social e política	93
<i>Pedro Moura Ferreira</i>	

Capítulo 5	
Os jovens frente à democracia e às suas instituições	109
<i>Marcelo Camerlo e Andrés Malamud</i>	
Parte III	
Educação, trabalho e futuro	
Capítulo 6	
Educação e inserções profissionais	121
<i>Vítor Sérgio Ferreira e Jussara Rowland</i>	
Capítulo 7	
Uso de novas tecnologias	141
<i>Ana Nunes de Almeida e Ana Delicado</i>	
Capítulo 8	
Diagnóstico do presente, expetativas sobre o futuro	155
<i>Sérgio Moreira</i>	
Bibliografia	173
Anexos	179
Questionário A	181
Questionário B	191

Índice de quadros e figuras

Quadros

1.1	Ordenação média e desvios-padrão dos problemas que os jovens consideram mais importantes	38
1.2	Coefficientes de regressão multinível que representam os pesos dos fatores explicativos nas dimensões organizadoras das preocupações dos jovens ibero-americanos	42
1.3	Médias e desvios-padrão das atitudes dos jovens em relação a temas socialmente sensíveis.....	44
1.4	Coefficientes de regressão multinível que representam os pesos dos fatores explicativos das dimensões das atitudes dos jovens ibero-americanos em relação a temas socialmente sensíveis.....	47
1.5	Indicadores contextuais usados como fatores explicativos nos modelos de regressão multinível.....	51
2.1	Mortalidade por homicídio voluntário em função do género (%).....	58
2.2	Correlações bivariadas entre a percepção de violência e indicadores socioeconómicos, de percepção de vitimização social e de insegurança.....	63
2.3	Percepções sobre a situação económica do país relativa à situação antes do 25 de abril (%).....	65
2.4	Percepções de violência urbana (%).....	68
2.5	Correlações bivariadas entre ter presenciado a ocorrência de brigas com uso de armas e indicadores socioeconómicos.....	68
2.6	Percepção de violência familiar nos últimos doze meses (%).....	70
2.7	Correlações bivariadas entre a percepção de violência doméstica e indicadores socioeconómicos	72
3.1	Médias e modas da idade da primeira relação sexual entre os jovens dos 15 aos 29 anos por sexo e país/grupos de países.....	78
3.2	Coefficientes de regressão estandardizados que representam a relação entre a idade da primeira relação sexual e os indicadores sociais.....	81

3.3	Coefficientes de regressão logística não estandardizados que representam a relação entre não ter relações sexuais e os indicadores sociais.....	83
3.4	Jovens que indicaram ter usado métodos contraceptivos na primeira relação sexual (%).....	85
3.5	Jovens que indicaram a razão de usar preservativo (%)	87
4.1	Participação organizada por sexo, escolaridade e situação perante o emprego (%)	99
4.2	Associativismo dos jovens segundo os países (%)	102
4.3	Pertença associativa dos jovens por sexo, idade, escolaridade e ocupação (%)	103
4.4	Razões da não participação (%)	105
4.5	Jovens que indicaram participação em redes sociais (%)	107
5.1	Coefficientes de regressão não estandardizados dos preditores da confiança na democracia e nas suas instituições	115
5.2	Confiança dos jovens na democracia e suas instituições	118
7.1	Modo principal de uso da internet por grupos de países (%).....	144
7.2	Modo principal de uso da internet em Portugal por escalões etários (%)	144
7.3	Modo principal de uso da internet em Portugal por nível de escolaridade completo (%)	145
7.4	Modo principal de uso da internet em Portugal por condição perante o trabalho (%).....	145
7.5	Principais usos da internet por grupos de países (%).....	147
7.6	Principais usos da internet (combinação) por grupos de países (%)	148
7.7	Principais usos da internet em Portugal por sexo (%)	148
7.8	Principais usos da internet (combinação) em Portugal por sexo (%).....	148
7.9	Principais usos da internet em Portugal por escalões etários (%)	149
7.10	Principais usos da internet (combinação) em Portugal por escalões etários (%)	149
7.11	Principais usos da internet em Portugal por nível de escolaridade completo (%)	150
7.12	Principais usos da internet (combinação) em Portugal por nível de escolaridade completo (%)	150
7.13	Principais usos da internet em Portugal por condição perante o trabalho (%).....	151

7.14	Principais usos da internet (combinação) em Portugal por condição perante o trabalho (%)	151
7.15	Principais usos da internet em Portugal por tipologia familiar (%).....	151
7.16	Principais usos da internet (combinação) em Portugal por tipologia familiar (%)	152
8.1	Itens (percentagens/médias e desvios-padrão) das variáveis em análise.....	158
8.2	Itens das perceções sobre a atualidade e sobre o futuro em Portugal	159
8.3	Médias, desvios-padrão e número das perceções sobre a atualidade e sobre o futuro para a amostra global	160
8.4	Médias e desvios-padrão das perceções sobre a atualidade e sobre o futuro para a Espanha.....	162
8.5	Coefficientes de regressão estandardizados dos fatores explicativos da perceção da atualidade e do futuro em Portugal	165
8.6	Coefficientes de regressão estandardizados dos fatores explicativos da perceção da atualidade e do futuro noutros países.....	166
8.7	Coefficientes de regressão estandardizados dos fatores explicativos da perceção da atualidade e do futuro em Espanha.....	167

Figuras

1.1	Hierarquia das principais preocupações dos jovens	36
1.2	Dimensões organizadoras das preocupações dos jovens	39
1.3	Representação das médias da concordância dos jovens com os temas-alvo de atitudes socialmente sensíveis	44
1.4	Dimensões organizadoras das atitudes dos jovens face a temas socialmente sensíveis.....	46
2.1	Homicídios voluntários por cada 100 000 habitantes, 2000-2012.....	57
2.2	Taxa de homicídios voluntários por sexo e faixa etária em Portugal no ano de 2010.....	58
2.3	Perceção dos problemas mais importantes que afetam os jovens (%).....	60
2.4	Médias da perceção de violência.....	61
2.5	Linhas de regressão a representar a relação entre perceção de violência e taxa de homicídios	64

2.6	Perceções negativas sobre a situação económica do país relativa à situação antes do 25 de abril por escalão etário (%).....	66
3.1	Rapazes em cada grupo etário que indicaram a idade da primeira relação sexual (%).....	79
3.2	Raparigas em cada grupo etário que indicaram a idade da primeira relação sexual (%).....	79
3.3	Jovens que indicaram ainda não ter relações sexuais por sexo e país/grupos de países (%).....	82
3.4	Jovens portugueses que indicaram ter feito uso do preservativo e da pílula contraceptiva em cada categoria de idade da primeira relação sexual (%).....	86
3.5	Jovens que indicaram não ter usado contraceptivos na primeira relação sexual (%).....	88
5.1	Valores médios da confiança na democracia por país/região.....	111
5.2	Representação da mediana e da dispersão da confiança dos jovens portugueses nas instituições democráticas.....	111
5.3	Valores médios da confiança dos jovens ibero-americanos nas instituições políticas.....	113
5.4	Valores médios da confiança dos jovens ibero-americanos nas instituições não estatais.....	113
6.1	Nível de escolaridade por país/região (%).....	123
6.2	Total de estudantes por país/região (%).....	125
6.3	Condição de estudante por nível de vida subjetivo em Portugal (%).....	126
6.4	Razões de abandono escolar antes de completar o ensino secundário por país/região (%).....	126
6.5	Médias da percepção sobre a escola por país/região.....	128
6.6	Perceções sobre a escola em Portugal (%).....	128
6.7	Médias das percepções sobre a escola por nível de vida subjetivo em Portugal.....	129
6.8	«Tive uma boa educação secundária» por país/região (%).....	130
6.9	«Por que considera ter tido uma boa educação secundária?» por país/região (%) (resposta múltipla).....	130
6.10	«Está a trabalhar atualmente?» por país/região (%).....	132
6.11	Jovens que não estão atualmente a trabalhar e se encontram à procura de trabalho por país/região (%).....	133

6.12	Procura de trabalho por nível de vida subjetivo em Portugal (%).....	134
6.13	Jovens trabalhadores inscritos na segurança social por país/região (%)	134
6.14	Importância atribuída aos descontos da segurança social para obter uma pensão/reforma no final da vida laboral por país/região (%)	135
6.15	Perceções sobre condicionantes de inserção no mercado de trabalho por país/região (%)	136
6.16	Perceções sobre condicionantes de inserção no mercado de trabalho por condição de estudante em Portugal (%)	136
6.17	Perceções sobre condicionantes de inserção no mercado de trabalho por grupo etário em Portugal (%)	138
6.18	Perceções sobre condicionantes de inserção no mercado de trabalho por nível de vida subjetivo em Portugal (%)	138
6.19	Perceções sobre condicionantes de inserção no mercado de trabalho por procura de trabalho em Portugal (%).....	139
7.1	Modo principal de uso da internet em Portugal (%).....	143
7.2	Principais usos da internet em Portugal (%).....	146
7.3	Principais usos da internet (combinação do uso 1 e uso 2) em Portugal (%)..	146
8.1	Representação das médias das perceções sobre a atualidade e sobre o futuro em Portugal.....	159
8.2	Médias das perceções sobre a atualidade e sobre o futuro noutros países (O) comparados com Portugal (PT).....	161
8.3	Médias das perceções sobre a atualidade e sobre o futuro em Espanha (ES) comparada com Portugal (PT).....	162



Os autores

Ana Delicado é investigadora auxiliar do Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa (ICS-ULisboa). Doutorada em Sociologia, trabalha principalmente na área dos estudos sociais da ciência. Tem desenvolvido investigação sobre museus e cultura científica, risco ambiental, mobilidade científica, associações científicas, energia e alterações climáticas. É vice-coordenadora do OBSERVA – Observatório de Ambiente, Território e Sociedade.

Ana Nunes de Almeida é socióloga e investigadora coordenadora do ICS-ULisboa, onde é também presidente do conselho científico. Coordena o programa de doutoramento interuniversitário em Sociologia, OpenSoc (Sociologia – Conhecimento para Sociedades Abertas e Inclusivas). Áreas de investigação mais recentes: família e escola, crianças e crise, crianças e novos *media*, crianças e catástrofes.

Andrés Malamud, doutorado em Ciência Política pelo Instituto Universitário Europeu, Florença, é investigador auxiliar no ICS-ULisboa e professor visitante nas Universidades de Buenos Aires, Católica de Milão e Salamanca. Tem obra publicada sobre integração regional comparada, instituições de governo, política latino-americana e migrações transatlânticas.

Cícero Roberto Pereira é investigador auxiliar no ICS-ULisboa. Doutorou-se em Psicologia Social Experimental pelo Instituto Universitário de Lisboa (ISCTE-IUL). A sua investigação analisa o modo como diferentes tipos de justificações são usados pelos atores sociais para legitimar ações e políticas discriminatórias contra grupos minoritários e a função identitária dessa legitimação nas sociedades democráticas contemporâneas.

Cláudia Casimiro, doutorada em Ciências Sociais, na especialização de Sociologia Geral, pelo ICS-ULisboa, é, atualmente, membro integrada do Centro Interdisciplinar de Estudos de Género (CIEG/ISCSP-ULisboa) e professora auxiliar convidada no ISCSP-ULisboa. Os seus domínios de investigação: sociologia da família, género, tecnologias de informação e comunicação, relaciona-

Os Jovens Portugueses no Contexto da Ibero-América

mentos *online*, metodologias qualitativas, violências na intimidade, violência feminina e violência familiar.

José Machado Pais é investigador coordenador do ICS-ULisboa. Foi coordenador do Observatório Permanente da Juventude e vice-presidente do Diretório da Juventude do Conselho da Europa. Tem uma extensa obra publicada, da qual se destacam os seguintes livros: *A Prostituição e a Lisboa Boémia; Artes de Amar da Burguesia; Culturas Juvenis; Sousa Martins e Suas Memórias Sociais. Sociologia de Uma Crença Popular; Consciência Histórica e Identidade; Sociologia da Vida Quotidiana; Ganchos, Tachos e Biscates. Jovens, Trabalho e Futuro; Nos Rastos da Solidão. Deambulações Quotidianas; Lufa-Lufa Quotidiana. Ensaio sobre Cidade, Cultura e Vida Urbana; Sexualidade e Afectos Juvenis; Enredos Sexuais, Tradição e Mudança: as Mães, os Zecas e os Sedutores de Além-Mar.*

Jussara Rowland é doutoranda em Sociologia no ISCTE-IUL e foi investigadora no Observatório Permanente da Juventude do ICS-ULisboa entre 2010 e 2015. Já trabalhou como investigadora em vários projetos de investigação e como consultora na área da responsabilidade social empresarial. Atualmente é bolsista de investigação no projeto CUIDAR – Culturas de Resiliência à Catástrofe entre Crianças e Jovens financiado pelo programa Horizon 2020.

Marcelo Camerlo é coordenador do Presidential Cabinets Project (com Cecilia Martínez-Gallardo) e atualmente responsável pelo *workshop* em política comparada e relações internacionais do doutoramento em Políticas Comparadas do ICS-ULisboa. Doutorado em Ciência Política pela Universidade de Florença, especialista em políticas sociais e licenciado em Comunicação Social pela Universidade de Buenos Aires. Foi investigador auxiliar no Centro de Estudos de Estado e Sociedade (CEDES), docente na Universidade de Buenos Aires e investigador convidado no Helen Kellogg Institute for International Studies da Universidade de Notre Dame.

Pedro Moura Ferreira, doutorado em Sociologia pelo ISCTE-IUL, investigador do ICS-ULisboa e membro do Instituto do Envelhecimento da mesma universidade, é atualmente responsável pelo Arquivo Português de Informação Social. Desenvolve investigação nas áreas do envelhecimento, curso de vida e género. Tem como publicações mais recentes os livros *As Sexualidades em Portugal: Comportamentos e Riscos* e *Mulheres e Narrativas Identitárias: Mapas de Trânsito da Violência Conjugal*. Tem atualmente em curso dois projetos de investigação: «Processos de envelhecimento em Portugal: usos do tempo, redes sociais e condições de vida» e «Informação sobre saúde da população

Os autores

portuguesa: conhecimentos e qualidade percebida das fontes de informação sobre saúde».

Sérgio Moreira é licenciado em Psicologia pela Faculdade de Psicologia da Universidade de Lisboa e doutorado pelo ISCTE-IUL em Psicologia Social. Tem experiência em investigação fundamental na área da cognição social, em particular no estudo de ilusões de memória e da maleabilidade dos estereótipos. Tem coordenado e executado projetos de caracterização das perceções das comunidades sobre grandes alterações ambientais, promoção da comunicação de novos empreendimentos e participação pública. Atualmente é professor auxiliar convidado das disciplinas de Estatística na FPUL e, paralelamente, exerce atividade como consultor em psicologia do ambiente.

Simone Tulumello, doutorado em Planeamento Urbano e Regional pela Universidade de Palermo com uma tese sobre os sentimentos de medo do crime em planeamento urbano, é, desde janeiro de 2013, investigador pós-doc no ICS-ULisboa. O seu projeto principal visa questionar criticamente as políticas de segurança urbana na prática institucional de planeamento urbano. Os seus interesses abrangem: teorias e culturas de planeamento; estudos críticos sobre segurança urbana; poder e políticas de planeamento; estudos de futuros, TICs e governança territorial; tendências urbanas neoliberais; cidades do Sul da Europa; a geografia da crise. É autor de *Fear, Space and Urban Planning* (2017, Springer).

Sofia Aboim, doutorada em Sociologia (ISCTE-IUL, 2004), é investigadora auxiliar no ICS-ULisboa e membro do GEXcel – International Collegium for Advanced Transdisciplinary Gender Studies, sediado nas Universidades de Linköping, Karlstad e Örebro, na Suécia. Os seus interesses de investigação têm vindo crescentemente a incluir temas como género, sexualidade e cidadania. Tem publicado livros e artigos sobre estas temáticas, coordenando atualmente o projeto «TRANSRIGHTS – Gender citizenship and sexual rights in Europe: transgender lives from a transnational perspective», financiado pelo European Research Council.

Vitor Sérgio Ferreira, doutorado em Sociologia, na especialidade de Sociologia da Comunicação, Cultura e Educação, pelo ISCTE-IUL (2006) é investigador auxiliar no ICS-ULisboa, coordenador do grupo de investigação LIFE – Percursos de Vida, Desigualdades e Solidariedades: Práticas e Políticas do ICS-ULisboa, vice-coordenador do Observatório Permanente da Juventude do ICS-ULisboa e docente no doutoramento em Sociologia – Conhecimento

Os Jovens Portugueses no Contexto da Ibero-América

para Sociedades Abertas e Inclusivas (programa interuniversitário Open-Soc). Tem desenvolvido e coordenado vários projetos de investigação, nacionais e internacionais, na área das culturas juvenis e das transições para a vida adulta. Entre as várias publicações, destacam-se os livros *Jovens e Rumos* (ICS, 2011), *Tempos e Transições de Vida: Portugal ao Espelho da Europa* (ICS, 2010) e *Marcas que Demarcam. Tatuagem, Body Piercing e Culturas Juvenis* (ICS, 2008). Tem publicado em revistas internacionais de referência na área da juventude, como *Youth & Society* e *Young – Nordic Journal of Youth Research*.

Sofia Aboim

Capítulo 3

Sexualidade e métodos contraceptivos

Introdução

Nas últimas décadas, as transformações operadas no campo da vida sexual são indiscutíveis, reforçando o protagonismo dos mais jovens nesses movimentos de mudança rumo a uma maior aceitação e vivência do experimentalismo, a uma maior paridade de género na forma como são iniciados e construídos os percursos sexuais e a uma maior disseminação de informação sobre sexualidade, meios de contraceção e prevenção de doenças sexualmente transmissíveis (DST). Num contexto em que a ênfase da experimentação se associa também a novas formas de transição para a vida adulta, a iniciação sexual constitui um momento-chave a partir do qual é possível descortinar padrões de comportamento e normatividades sexuais. A iniciação sexual é igualmente demonstrativa das diferenças que permanecem ainda entre homens e mulheres (e também rapazes e raparigas), bem como das semelhanças que se vão crescentemente construindo nos percursos de vida sexual, ao arripio do acentuado duplo padrão sexual vigente nas gerações mais velhas (Aboim 2013). Sem dúvida, de entre as várias etapas da vida sexual dos indivíduos, a iniciação sexual constitui um momento de transição fundamental e é, por isso, reveladora em si mesma. Historicamente marcada pelas diferenças entre a sexualidade feminina e a masculina, a iniciação sexual constitui um rito de passagem ainda importante entre os mais jovens, mau grado as mudanças significativas que têm vindo a alterar os contornos da «primeira vez».

Tal como é demonstrado por vários estudos realizados em Portugal, os contrastes geracionais são impressionantes quando se trata de definir os padrões da iniciação sexual (Alferes 1997; Almeida *et al.* 2004; Ferreira e Cabral 2010; Policarpo 2011; Aboim 2013). Com efeito, é fácil concluir que os mais novos, os jovens, têm, com poucas exceções, a sua primeira relação sexual coital antes de casarem ou de sequer pensarem em casar. De acordo com os dados do inquérito «Saúde e sexualidade», realizado em 2007 a uma amostra representativa da po-

Os Jovens Portugueses no Contexto da Ibero-América

pulação portuguesa (Ferreira e Cabral 2010), se cerca de metade das mulheres com mais de 55 anos havia tido a sua primeira relação sexual com o cônjuge e depois dos 20 anos de idade, este padrão praticamente desaparece nas gerações mais novas. Aliás, segundo dados do mesmo inquérito à população portuguesa, 76% das raparigas entre os 18 e os 24 anos tiveram a sua «primeira vez» antes dos 18 anos, experiência que se aplicou apenas a 25% das mulheres entre os 55 e os 65 anos. Mais visível entre as mulheres, a mudança geracional é igualmente reveladora da permanência de contrastes de género, que, apesar de atenuados, ainda impõem, em boa medida, o ritmo das mudanças nos tempos biográficos da iniciação sexual. Continuando a referir os dados do estudo de 2007, repara-se que, enquanto na população masculina entre os 18 e os 65 anos a idade da primeira relação sexual coital não se alterou grandemente, rondando, em média, os 17 anos, entre as mulheres as diferenças são marcadas.

Nos dias que correm, o panorama é bem diferente do passado, apesar de se perpetuarem algumas diferenças de género relevantes. Contudo, a prática de uma sexualidade desvinculada da conjugalidade e orientada para o prazer é bem aceite no feminino, havendo igualmente uma maior aproximação dos comportamentos sexuais de homens e mulheres na vivência da sexualidade juvenil (Vasconcelos 1998; Pais 1998 e 2012). Efetivamente, a sexualidade juvenil, com a sua ética experimentalista, foi ganhando maior aceitação social (Bozon 2002 e 2003), ao mesmo tempo que começou a ser observada como mais uma das diversas transições pelas quais os jovens vão passando na caminhada para a vida adulta (Bozon e Heilborn 2005). Como referia já Pais (1998, 414) em 1998, a sexualidade tornou-se «normalmente experimentada antes do casamento».

Neste capítulo, com base nos dados do 1.º *Inquérito às Juventudes Ibero-Americanas*, realizado em 2013, analisámos duas questões centrais em matéria de sexualidade, ambas integrantes do módulo 6 do questionário: a idade de iniciação sexual entre os jovens dos 15 aos 29 anos e os métodos contraceptivos utilizados nessa primeira relação sexual. Os dados disponíveis permitem-nos, em primeiro lugar, perceber mais profundamente algumas das mudanças (ou permanências) ocorridas em matéria de iniciação sexual face às conclusões de estudos anteriores. Em segundo lugar, o presente inquérito permite-nos mobilizar uma perspetiva comparativa e explorar as diferenças dos jovens portugueses face aos jovens espanhóis e das Américas Central e do Sul, regiões onde também vários estudos têm revelado uma cadência de transformação bastante semelhante à que descrevemos para o caso português (v., nomeadamente, Bozon 2005). Apesar das limitações dos dados disponíveis no inquérito, que nos permitem apenas perscrutar a idade da primeira relação sexual (coital) e os métodos contraceptivos utilizados nessa relação, é, ainda assim, possível analisar alguns aspetos fundamentais para a compreensão dos processos de transformação que brevemente

descrevemos. Como veremos, a idade é, por si só, um elemento revelador de uma transição que, feita de outras componentes ausentes do inquérito (quem foi o parceiro ou parceira ou as primeiras experiências sexuais não coitais, por exemplo), continua a integrar um movimento geral de convergência, a par de alguma dose de diversidade.

A idade da primeira relação sexual

No 1.º *Inquérito às Juventudes Ibero-Americanas* perguntava-se aos jovens (15-29 anos) qual a idade da sua primeira relação sexual, entendendo-se por relação sexual a prática coital, e não os relatos das primeiras experiências, carícias, beijos, toques corporais ou mesmo masturbação mútua, que constituem também parte integrante do que é a sexualidade na vida das pessoas. Nesta pergunta reflete-se uma visão em que o ato da penetração é, afinal, o que define a relação sexual e a perda da virgindade, ignorando-se a descoberta anterior da sexualidade, que os primeiros beijos e contactos físicos revelariam (Policarpo 2011), pois é sabido que as primeiras experiências de cariz sexual tendem a ocorrer antes da relação coital, por vezes, até bastante tempo antes. Este período de experimentação «não coital» tem, aliás, vindo a aumentar nas gerações mais novas, o que parece indicar o aumento do experimentalismo prévio ao coito propriamente dito e, conseqüentemente, a maior precocidade dos primeiros contactos sexuais tanto para raparigas como para rapazes (Aboim 2013).

Centrando agora os comentários na análise dos dados, verificamos (quadro 3.1) que, de um modo geral, a idade média da primeira relação sexual se apresenta bastante uniforme, aproximando rapazes e raparigas. O mesmo acontece, aliás, quando analisamos a idade modal (ou seja, a idade em que é maior o número de indivíduos que têm a sua primeira relação sexual). A maioria dos rapazes e raparigas inicia a sua vida sexual entre os 16 e os 18 anos. Em Portugal, a idade média situa-se nos 17 anos, havendo, contudo, tendência para a iniciação mais precoce dos rapazes, como é revelado pelas idades modais. Ainda assim, é entre os 16 e os 18 anos que, tanto em Portugal como nos outros países da amostra, se concentra a grande maioria das respostas. São relativamente poucos os que iniciaram a vida sexual muito cedo, o mesmo sucedendo com os que o fazem mais tarde, já depois dos 20 anos.

Através destes dados reiteram-se não só conclusões de outros estudos, como se vislumbra a formação de um padrão de iniciação sexual relativamente homogéneo entre os jovens de Portugal, da Espanha ou das Américas Central e do Sul. A concentração da idade de iniciação sexual numa curta fase do percurso juvenil e a maior proximidade entre comportamentos masculinos e femininos são, aliás, uma tendência já apontada por Michel Bozon na sua análise

*Os Jovens Portugueses no Contexto da Ibero-América***Quadro 3.1 – Médias e modas da idade da primeira relação sexual entre os jovens dos 15 aos 29 anos por sexo e país/grupos de países**

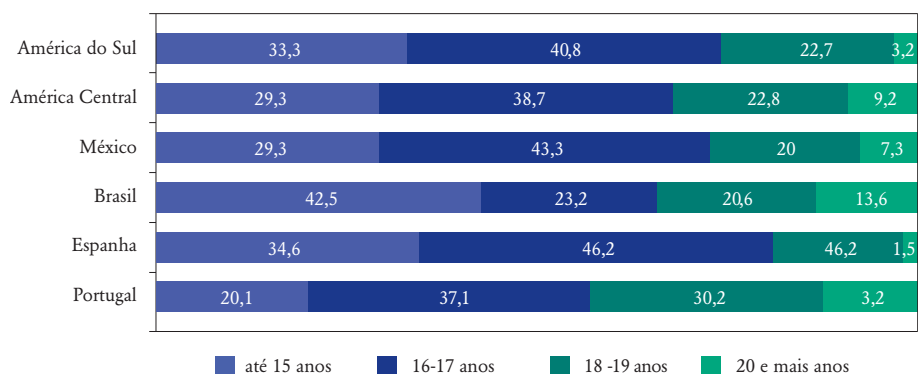
Países/grupos de países	Idades médias (a)			Idades modais		
	H	M	Total	H	M	Total
Portugal	17,2	17,7	17,4	16	18	17
Espanha	16,2	17,3	16,9	17	18	18
Brasil	16,2	16,4	16,3	17	16	16
México	16,6	17,0	16,8	17	17	17
América Central	16,6	18,0	17,3	17	18	18
América do Sul	16,3	17,3	16,7	16	18	18

(a) Análise da variância por país apenas na amostra dos homens – $F(6, 3132) = 7,42; p < 0,001$; análise da variância por país apenas na amostra das mulheres – $F(6, 2873) = 19,42; p < 0,001$.

comparativa da iniciação sexual em vários países da América Latina (Bozon 2005). Não obstante as diferenças nos estilos relacionais e nas orientações afetivas que parecem ter ainda alguma pertinência, as cadências e transições do curso de vida jovem têm vindo a sofrer efeitos de homogeneização que se estendem manifestamente à vida sexual e, mais concretamente, à iniciação sexual. Como demonstrou Bozon (2005), se as diferenças entre países e entre homens e mulheres eram muito marcadas entre a população com mais de 40 anos, entre os jovens a realidade é outra.

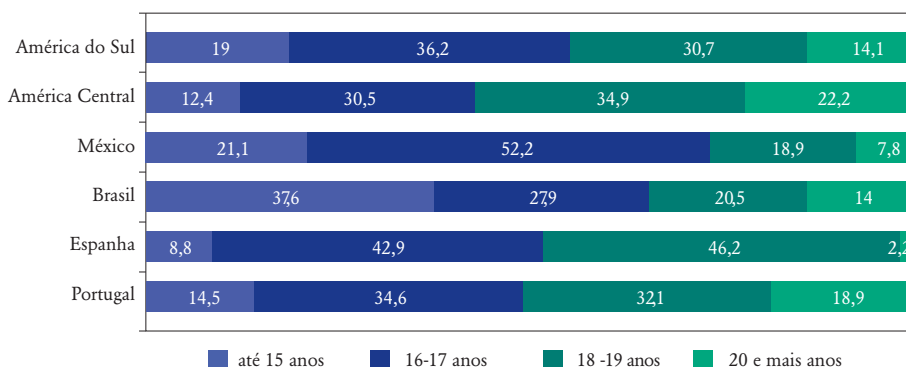
Vários fatores contribuem certamente para este cenário. De entre várias possíveis tendências, podemos relevar o maior enquadramento institucional da fase juvenil, com o paulatino aumento da escolarização e a regulação crescente desta categoria, a aceitação da juventude como uma fase de maior experimentalismo, ou o reconhecimento crescente da autonomia sexual feminina. Em Portugal estas tendências são claras. Nas Américas Central e do Sul, como refere também Bozon, colocam-se ainda algumas resistências de maior fôlego à aceitação da sexualidade das raparigas, sem que, contudo, este maior conservadorismo relativo impeça movimentos direcionados para vivências efetivamente mais precoces de uma sexualidade dissociada do casamento. De acordo com os dados do nosso inquérito (mau grado as suas limitações), esta hipótese parece confirmar-se, convidando à realização de estudos mais aprofundados e replicados de forma regular. Contudo, não obstante a tendência de uniformização que retratámos em termos de género e de geografia da iniciação sexual, o panorama etário da iniciação sexual é um pouco mais diversificado do que as idades médias ou modais deixam entrever. Nas figuras 3.1 e 3.2, ao apresentarmos a idade de iniciação sexual agregada em grupos etários, conseguimos aprofundar a análise e identificar maiores diferenças, mais significativas, aliás, como esperado, de um modo geral, entre as raparigas, grupo em que a dispersão é maior. No caso português confirma-se a

Figura 3.1 – Rapazes em cada grupo etário que indicaram a idade da primeira relação sexual (%)



Análises do quiquadrado por país: homens - $\chi^2(18) = 110,53$; $p < 0,001$; coeficiente de contingência = 0,19.

Figura 3.2 – Raparigas em cada grupo etário que indicaram a idade da primeira relação sexual (%)



Análises do quiquadrado por país: mulheres - $\chi^2(18) = 201,40$; $p < 0,001$; coeficiente de contingência = 0,26.

hipótese de maior convergência de género na idade da primeira relação sexual, não havendo grandes diferenças entre o perfil etário de rapazes e raparigas. A diferença de género não é, aliás, estatisticamente relevante.

Mais interessante é, por isso, a comparação do padrão português com o dos outros países e grupos de países integrantes do espaço ibero-americano. Desde logo, a Espanha apresenta um padrão dissemelhante, com maior peso das iniciações precoces dos rapazes (ou seja, até 15 anos, inclusive) do que das raparigas, sendo mais visíveis diferenças de género na idade de iniciação sexual. Nos

Os Jovens Portugueses no Contexto da Ibero-América

restantes países ou grupos de países das Américas Central e do Sul tende igualmente a ter mais peso a iniciação da vida sexual quando se é muito jovem (até 15 anos), ao contrário do que sucede em Portugal, onde ter a primeira relação sexual com 20 ou mais anos não parece ser necessariamente invulgar: cerca de 13% e de 29% dos rapazes e raparigas, respetivamente, encontram-se neste grupo. Claramente, e reproduzindo evidências apontadas já em estudos anteriores, é no Brasil que encontramos o maior número de jovens com uma iniciação sexual precoce (42,5% dos rapazes e 37,6% das raparigas), tendência marcante que é acompanhada por uma maior dispersão de comportamentos na amostra. Ou seja, as idades modais de iniciação sexual têm menos concentração de respostas do que em todos os outros casos (Heilborn 2005).

Encontradas algumas das diferenças entre países, que melhor ajudam a compreender o padrão juvenil de iniciação sexual em Portugal, recorremos a análises de regressão linear, realizadas para cada um dos países ou grupos de países do espaço ibero-americano, de modo a identificarmos quais os fatores que, em cada contexto, podem ser determinantes enquanto elementos que explicam ter-se tido a primeira relação sexual mais precoce ou mais tardiamente. No modelo que construímos (quadro 3.2) pretendíamos medir o impacto de um conjunto de variáveis independentes habitualmente associadas ao comportamento sexual. Referimo-nos ao sexo, à idade, à escolaridade, à condição perante o trabalho, à localidade de residência (capital *versus* outras áreas urbanas), à perceção de violência no bairro e na família e ao nível de acordo com os pais em matérias como sexualidade, política e religião.

Se nos concentrarmos nas diferenças entre Portugal, a Espanha e o Brasil verificamos de imediato que a capacidade preditora do modelo é maior no caso da Espanha do que em Portugal ou no Brasil. De igual modo, além do consistente impacto de variáveis sociodemográficas, como o sexo (relevante no caso espanhol), a idade e a escolaridade (ambas relevantes em Portugal e no Brasil enquanto elementos associados ao retardar da primeira relação sexual), o efeito diferenciado de coordenadas relacionadas com o grau de violência atribuído ao ambiente social onde se habita (o bairro) e à família, ou ainda do grau de concordância normativa com os pais, é bastante revelador. É, afinal, em Portugal, mas sobretudo em Espanha, que a violência percecionada como existindo no bairro e na família (para o caso espanhol) aparece associada a entradas mais precoces na vida sexual. No caso do Brasil, esta coordenada não parece ser relevante, ao contrário do que seria de esperar pelo maior nível de violência no espaço público (Béhague e Gonçalves 2008). As diferenças de nível de escolaridade têm aqui um efeito explicativo muito mais forte. Pelo contrário, nos contextos português e sobretudo espanhol, elementos associados a vivências permeadas pela experiência da violência tendem a associar-se a entradas mais precoces na vida sexual.

Quadro 3.2 – Coeficientes de regressão estandardizados que representam a relação entre a idade da primeira relação sexual e os indicadores sociais

	Portugal	Espanha	Brasil	México	América Central	América do Sul
Sexo (<i>dummy</i>)		-0,15 **			-0,25 ***	-0,24 ***
Idade	0,17 *	0,26 ***	0,26 ***	0,22 ***	0,23 ***	0,22 ***
Escolaridade	0,21 ***		0,13 *	0,24 ***	0,17 ***	0,21 ***
Condição perante o trabalho						
Estudante				0,14 **		
Trabalhador do sector público						
Trabalhador do sector privado						
Doméstica						
Desempregado(a)						
Outro						
Localidade de residência (<i>dummy</i>)						
Violência no bairro (<i>dummy</i>)	-0,17 **	-0,13 **			-0,05 **	
Violência na família (<i>dummy</i>)		-0,21 ***				
Grau de acordo com os pais (escala)		-0,18 ***				
<i>N</i>	263	236	278	265	1 670	2 353
<i>R</i> ²	0,12	0,30	0,10	0,16	0,18	0,17

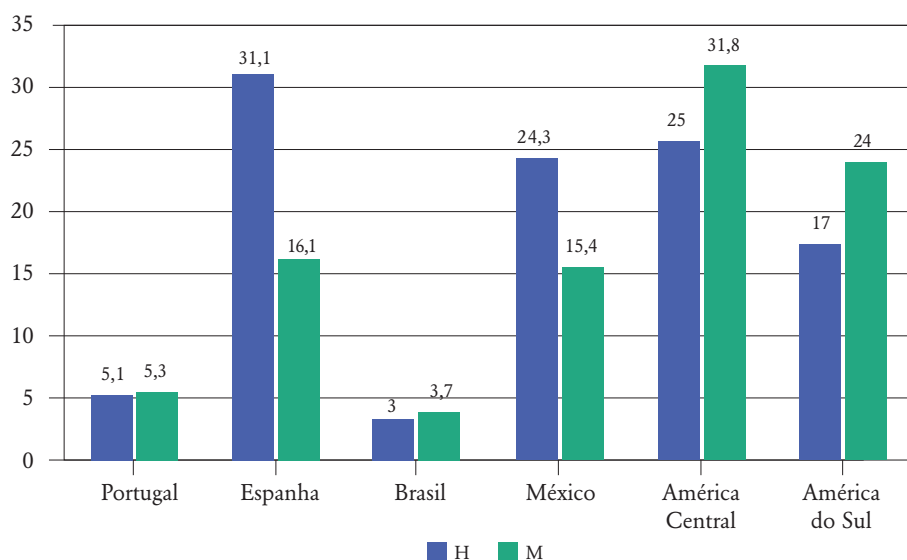
Nota. Os valores são coeficientes de regressão estandardizados estatisticamente significativos: * $p < 0,01$; ** $p < 0,05$; *** $p < 0,001$. As células vazias correspondem a coeficientes de regressão não significativos.

Em suma, se elementos sociográficos, ambientais e ideológicos contribuem para explicarmos a diversidade do comportamento sexual juvenil, é também nos contextos geográficos específicos onde se habita (o país, neste caso) que devemos situar o efeito de qualquer fator explicativo, só assim se podendo garantir a relevância sociológica da análise.

A virgindade entre os jovens

A par da idade de iniciação sexual importa igualmente analisar outro grupo igualmente relevante para a compreensão do fenómeno: a população jovem que ainda não teve relações sexuais, que é, portanto, virgem.

Os dados apresentados na figura 3.3 permitem adensar a análise das diferenças entre países e, em perspetiva comparativa, identificar as particularidades do caso português. Com exceção do caso brasileiro, é em Portugal que a proporção de rapazes e raparigas entre os 15 e os 29 anos ainda virgens é menor, não ultrapassando, tanto para eles como para elas, os 5%. Até aos 29 anos, os jovens portugueses declaram ter iniciado a sua vida sexual. Porém, se em Portugal parece ser quase residual a percentagem dos que afirmam permanecer virgens,

*Os Jovens Portugueses no Contexto da Ibero-América***Figura 3.3 – Jovens que indicaram ainda não ter relações sexuais por sexo e país/grupos de países (%)**

Análises do qui-quadrado por país apenas na amostra de homens - $\chi^2(6) = 150,62; p < 0,001$; coeficiente de contingência = 0,18.

Análises do qui-quadrado por país apenas na amostra de mulheres - $\chi^2(6) = 182,6; p < 0,001$; coeficiente de contingência = 0,19.

noutros contextos nacionais – excetuando o Brasil, lembre-se – a realidade (pelo menos aquela que é declarada em situação de inquirição) apresenta-se bem diversa. Em Espanha as declarações dos jovens parecem indiciar uma muito maior proporção de jovens virgens, sobretudo rapazes, padrão de género que se repete no México e se inverte nos restantes países das Américas Central e do Sul, mantendo-se, entretanto, uma percentagem elevada de jovens que afirmam não terem ainda tido relações sexuais.

Intrigante, no mínimo, a confirmação destes dados só poderia ser feita através de novos estudos que permitissem uma inquirição mais aprofundada sobre a iniciação sexual e o tema da sexualidade, de um modo geral. No entanto, apesar de encontrarmos poucas explicações sociologicamente consistentes, considerando a literatura existente e os estudos realizados nos países em questão, não poderíamos deixar de incluir estes dados na análise, pelas pistas que eventualmente possam conter. Excluindo-se a hipótese de um enviesamento amostral relacionado com a idade dos respondentes, resta colocar em equação novas pistas. No caso das Américas Central e do Sul, o maior conservadorismo em termos de valores e morais sexuais, como apontado por Bozon, poderia ser relevante

Quadro 3.3 – Coeficientes de regressão logística não estandardizados que representam a relação entre não ter relações sexuais e os indicadores sociais

	B	Wald
Sexo (<i>dummy</i>)	-0,57 ***	66,10
Idade	-0,29 ***	400,97
Escolaridade (a)		
Básico		
Secundário		
Superior		
Condição perante o trabalho (b)		
Trabalhador do setor público	-1,02 ***	35,69
Trabalhador do setor privado	-1,18 ***	70,20
Doméstica	-1,65 ***	56,05
Desempregado(a)	-1,20 ***	50,51
Outro	-0,79 *	3,70
Localidade de residência (<i>dummy</i>)		
Violência no bairro (<i>dummy</i>)	-0,38 ***	29,26
Grau de acordo com os pais (escala)	0,13 **	8,38
País (c)		
Espanha	-0,23 **	3,31
Brasil		
México	0,51 ***	62,54
América Central	0,17 *	4,82
América do Sul	0,94 ***	9,31
Nagelkerke R ²	0,45	

Nota. * $p < 0,01$; ** $p < 0,05$; *** $p < 0,001$. As células vazias correspondem a coeficientes de regressão não significativos. (a) A categoria de referência é «nenhuma escolaridade»; (b) a categoria de referência é estudante; (c) a categoria de referência é Portugal.

para explicar a elevada percentagem de virgens, sobretudo entre as mulheres. Por outro lado, a crescente aceitação da sexualidade juvenil, incluindo a das raparigas, que marca os contrastes geracionais em Portugal e também no Brasil, poderia de igual forma constituir-se numa explicação para o facto de em ambos os países lusófonos ser comparativamente tão mais baixa a percentagem de jovens que declaram ainda não ter tido relações sexuais. O caso espanhol é, sem dúvida, mais difícil de explicar, pelo que preferimos deixar em suspenso a interpretação dos resultados e reiterar a importância de futuros estudos comparativos.

Apesar do carácter intrigante e interpelador destes resultados, foi-nos possível tentar identificar entre a amostra disponível quais os fatores potencialmente explicativos para o adiamento do início da vida sexual entre os jovens. Com esse objetivo em mente, realizámos uma análise de regressão logística, integrando no modelo, entre as disponíveis, as seguintes variáveis independentes: sexo,

Os Jovens Portugueses no Contexto da Ibero-América

idade, escolaridade, condição perante o trabalho, localidade de residência, existência de violência no bairro onde se habita, grau de concordância normativa com os pais e país. Na construção deste modelo considerámos, assim, fatores sociodemográficos, ambientais e atitudinais (quadro 3.3).

Os resultados obtidos, além de demonstrarem a consistência do modelo ($R^2 = 0,45$), revelam igualmente a centralidade da idade e também do género enquanto preditores da iniciação sexual, neste caso, da inexistência desta transição. Quem é mais novo e quem é mulher tem maiores probabilidades de não ter ainda tido a sua primeira relação sexual. O mesmo acontece com quem é estudante, ainda que o nível de escolaridade não seja estatisticamente significativo. Menos óbvia é, porém, a capacidade preditora de elementos inerentes ao ambiente social onde se vive (como a violência no bairro) ou do grau geral de concordância com os pais, que inclui, além da sexualidade, temas políticos e religiosos. Afinal, quanto mais se concorda com os pais e quanto menos violento é o bairro onde se habita, maior é a probabilidade de não ter ainda tido relações sexuais. Finalmente, o contexto nacional é igualmente significativo, mesmo quando o seu efeito é equacionado a par dos fatores já mencionados.

Mais uma vez se podem retirar duas conclusões de relevo: em primeiro lugar, destaca-se ainda a relevância dos contextos nacionais ou regionais (em sentido lato), para além dos fatores imediatamente quantificáveis através de um inquérito por questionário; em segundo lugar, a importância de realizar novos estudos sobre a sexualidade juvenil que permitam testar a validade, sempre relativa, dos dados que agora analisamos. E, em particular, desvendar as origens das potenciais diferenças entre Portugal e a Espanha no que à sexualidade juvenil respeita.

Contraceção na primeira relação sexual

A segunda questão sobre a iniciação sexual dos jovens incidiu sobre os métodos contraceptivos utilizados na primeira relação sexual (quadro 3.4).

Apesar de ser o método mais comum, sobretudo entre os rapazes, o uso do preservativo na primeira relação sexual varia significativamente (análise do qui-quadrado) por país ou grupos de países tanto para homens como para mulheres. O mesmo sucede com a pílula contraceptiva, mas aqui sobretudo no caso das mulheres. Por outro lado, o recurso ao diafragma e a outros métodos incluídos no questionário é irrelevante por não serem de todo utilizados, razão pela qual não foram integrados na análise. Neste cenário, Portugal destaca-se por apresentar algumas diferenças importantes. É ao mesmo tempo o país onde o preservativo é utilizado de forma semelhante por rapazes e raparigas e onde a pílula contraceptiva é também mais utilizada, reunindo a maior percentagem de respostas femininas e masculinas. Em relação ao uso do preservativo, apenas os rapazes brasileiros

Quadro 3.4 – Jovens que indicaram ter usado métodos contraceptivos na primeira relação sexual (%)

Países	Sexo	Preservativo	Pílula contraceptiva	Pílula do dia seguinte	Coito interrompido
Portugal	H	83,0	8,8	0,6	2,5
	M	86,8	33,3	2,5	2,5
Espanha	H	70,2	2,9	–	–
	M	69,2	2,7	1,1	–
Brasil	H	90,4	0,4	0,4	2,6
	M	60,7	20,5	1,7	–
México	H	71,3	3,3	1,3	–
	M	65,0	9,4	–	0,6
América Central	H	66,6	1,8	0,1	0,1
	M	51,3	9,7	2,0	0,3
América do Sul	H	77,1	1,4	1,0	0,2
	M	61,2	20,4	2,2	–
Total	H	71,5	1,9	0,5	0,7
	M	57,3	13,1	2,3	0,6

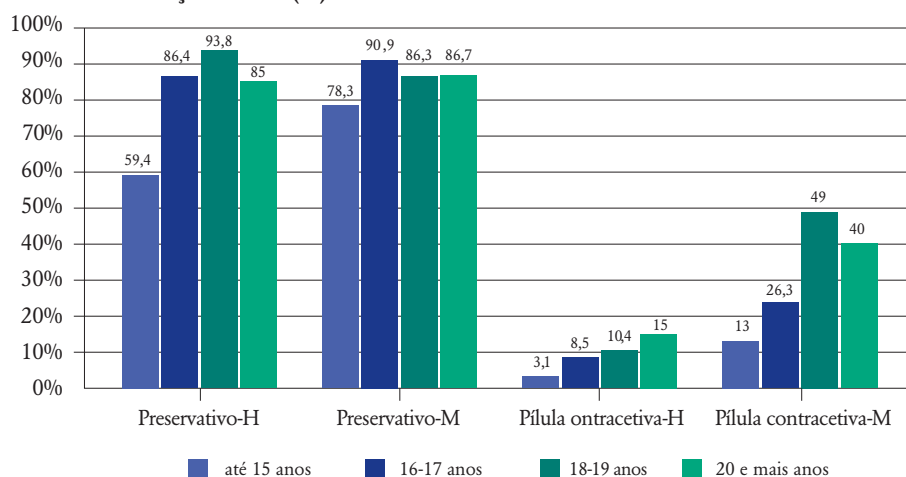
dizem tê-lo utilizado numa percentagem um pouco mais alta do que os portugueses, mas, ao contrário do caso português, nas declarações das raparigas o seu peso é significativamente menor. Nos restantes contextos, e apesar de o preservativo se destacar enquanto método mais usado, e sempre por parte significativa dos jovens, o recurso a este método de contraceção e prevenção é menor.

Se, em geral, podemos dizer que a contraceção foi uma das maiores viragens históricas no campo da sexualidade, ao libertar a mulher de gravidezes indesejadas e ao permitir, em definitivo, maior eficácia na separação entre sexo e procriação, o comportamento dos jovens revela na atualidade a adesão a métodos contraceptivos também capazes de prevenir a transmissão de DST, como é o caso do preservativo.

Retornando à realidade portuguesa, reencontramos nestes dados, muito provavelmente, o efeito da multiplicação de ações (informativas sobre a gravidez na adolescência ou o VIH/sida e a crescente socialização para o uso do preservativo entre adolescentes e jovens adultos). O experimentalismo sexual (Pais 1998) parece ser hoje acompanhado de maiores preocupações com a contraceção e a prevenção. Em poucos anos parece, com efeito, assistir-se a uma diminuição considerável dos quadros de risco associados à sexualidade juvenil e, neste caso, à primeira relação sexual. Se compararmos os dados do presente inquérito com estudos anteriores, é esta uma conclusão importante. Recuando um decénio, no estudo realizado por Almeida *et al.* (2004) verificou-se que a

Os Jovens Portugueses no Contexto da Ibero-América

Figura 3.4 – Jovens portugueses que indicaram ter feito uso do preservativo e da pílula contracetiva em cada categoria de idade da primeira relação sexual (%)



maioria das jovens entre os 15 e os 24 anos iniciou a sua sexualidade ativa num quadro de risco, sem recurso a preservativo. Em 2007, os dados do inquérito «Saúde e sexualidade» (Ferreira e Cabral 2010) mostravam, por seu lado, que era no grupo de raparigas e rapazes entre 18 e 24 anos que o preservativo era mais utilizado (50% de utilização).

Ao analisarmos o uso do preservativo e da pílula contracetiva, tendo em conta a idade da iniciação sexual entre os jovens portugueses, verificamos que é nos grupos que se iniciam sexualmente mais cedo que o uso do preservativo é menor, sobretudo no caso dos rapazes, associando-se assim a precocidade da primeira relação sexual a comportamentos mais «arriscados». Por outro lado, num contexto em que, para a população em geral, o uso da pílula é absolutamente dominante (Almeida *et al.* 2004; Ferreira e Cabral 2010), notamos que, muito em particular no caso das mulheres, nos grupos com iniciações sexuais mais tardias (a partir dos 18 anos), o recurso à pílula contracetiva é muito significativo (figura 3.4).

Por que razões usou preservativo?

Entre os jovens que afirmam ter utilizado o preservativo na sua «primeira vez» encontramos novamente um panorama de diferenciação quando analisamos os dados à luz das duas grandes coordenadas utilizadas neste capítulo: a comparação entre países e entre rapazes e raparigas (quadro 3.5).

Em Portugal prevalece nas respostas dos jovens o receio de contaminação com o VIH/sida ou outras DST. Nenhum jovem apontou a prevenção de uma

Quadro 3.5 – Jovens que indicaram a razão de usar preservativo (%)

Países/grupos de países	Sexo	Prevenir uma gravidez***	Proteção contra o VIH/sida***	Proteção contra outras DST***	Outra razão***
Portugal	M	–	86,4	73,5	77,3
	F	–	95,7	84,8	75,4
Espanha	M	57,5	45,2	50,7	–
	F	80,2	48,4	35,7	1,6
Brasil	M	14,6	33,0	65,0	27,7
	F	2,9	75,5	88,5	66,9
México	M	64,5	52,3	40,2	–
	F	71,8	37,6	14,5	–
América Central	M	63,2	48,2	65,8	1,3
	F	77,8	50,1	57,4	3,3
América do Sul	M	70,15	52,4	57,9	–
	F	79,1	56,5	49,9	–

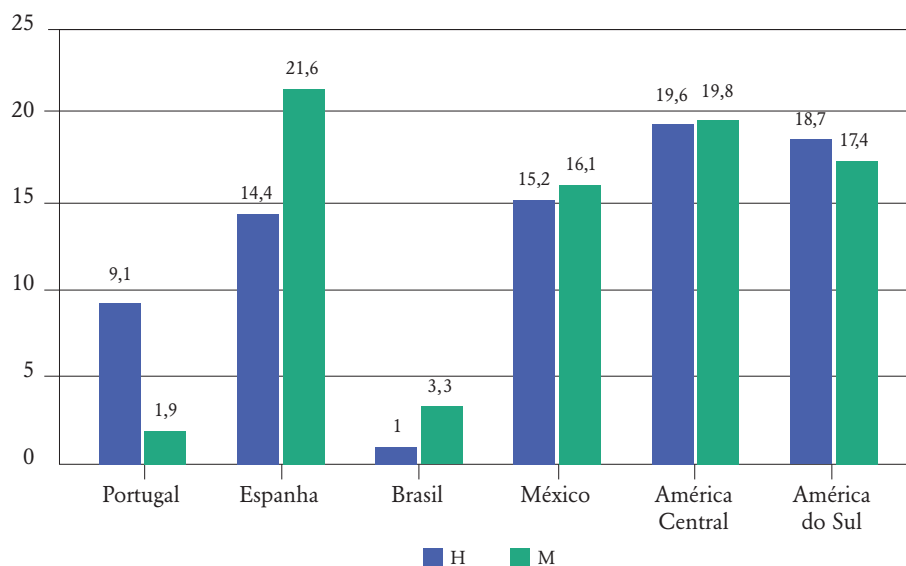
Análises do qui-quadrado por sexo: * $p < 0,05$; ** $p < 0,01$; *** $p < 0,001$.

possível gravidez como razão para ter usado o preservativo na primeira relação sexual. Este dado é mais uma vez interpelador, pois, ao afastar-se tão marcadamente do padrão de resposta encontrado noutros contextos nacionais (e muito particularmente da vizinha Espanha), leva-nos a insistir na necessidade de realização de novos estudos sobre esta temática.

Um caminho explicativo provisoriamente mobilizado para interpretar a particularidade das respostas dos jovens portugueses poderá ponderar, como já referido, os efeitos das campanhas educativas e de prevenção junto dos mesmos. A proximidade maior do Brasil, em que a gravidez também não aparece como motivo realmente significativo para recorrer ao preservativo, pode ajudar a compreender esta linha de argumentação, pois, como sabemos, o Brasil representa um caso exemplar de aposta em campanhas de prevenção contra o risco de transmissão do VIH/sida e de outras DST (Bastos 2002). No entanto, mais uma vez caracterizar o caso português na ótica comparativa que adotámos apenas nos permite levantar a ponta do véu na tentativa de encontrar maior fundamentação para tão grande diversidade e sobretudo para uma diferença tão visível face ao padrão de respostas dos jovens espanhóis.

Iniciações sexuais desprotegidas: jovens em risco

Quando analisamos os jovens que não utilizaram qualquer método contraceptivo (preservativo, pílula ou outro) na sua primeira relação sexual, deparamo-

*Os Jovens Portugueses no Contexto da Ibero-América***Figura 3.5 – Jovens que indicaram não ter usado contraceptivos na primeira relação sexual (%)**

Análise do quiquadrado por país - *** $p < 0,001$.

-nos com um padrão semelhante em termos de comparação nacional/regional. São os jovens portugueses, a par dos brasileiros, quem menos declara não ter feito uso de contraceção e/ou prevenção, por oposição às afirmações dos jovens espanhóis e das Américas Central e do Sul. Todos os dados apontam, afinal, para a pertinência das especificidades nacionais na vivência da sexualidade juvenil, não obstante a reiterada necessidade de mais dados e maior saber sobre esta temática. Afinal, para exemplificar, notemos a existência de uma certa contradição entre os dados apresentados no relatório da UNAIDS 2013, em que o fraco recurso ao preservativo por parte dos jovens brasileiros era referenciado como estando associado a elevadas taxas de gravidez adolescente e de infeção com DST, e os dados do presente inquérito.

No âmbito estrito da amostra analisada, dois fatores sociográficos parecem ser preponderantes para explicar a ausência de recurso à contraceção: a idade da primeira relação sexual e o nível de escolaridade. Quanto mais escolarizado se é e quanto mais tarde se inicia a vida sexual, maior é também a utilização de métodos contraceptivos. Ambas as variáveis refletem, nos comportamentos, os efeitos das desigualdades sociais. Quanto menores os capitais escolares, menor o acesso a informação sobre sexualidade e tendencialmente mais precoce e desprotegida a iniciação sexual. Assim sendo, quanto mais desigual um país ou

um aglomerado regional, maiores serão as fraturas internas do grupo mais jovem e menos homogêneos os seus comportamentos.

Conclusões

À laia de conclusão, importa enfatizar dois aspetos importantes. Em primeiro lugar, devemos salientar a enorme relevância dos contextos nacionais ou regionais na análise da sexualidade juvenil. Mau grado a visibilidade crescente de algumas tendências de uniformização no que respeita aos padrões etários da iniciação sexual e ao uso de métodos contraceptivos, um olhar mais aprofundado revelou particularidades bastante significativas no âmbito do espaço ibero-americano. Neste contexto, os jovens portugueses apresentaram um perfil algo particular, com uma expressiva concentração da idade da primeira relação sexual nas idades modais, ou seja, entre os 16 e os 18 anos, e uma grande adesão também ao uso de contraceção, como patenteado pelas percentagens de rapazes e raparigas que afirmam ter recorrido ao preservativo na sua «primeira vez».

Em segundo lugar, além dos fatores imediatamente quantificáveis através de um inquérito por questionário, que aqui nos induzem a salientar a importância dos contextos sociais e culturais onde se habita enquanto elemento preponderante para desmistificar a impressão de uniformidade de práticas e de valores entre os mais jovens, julgamos necessário reiterar a enorme importância de que se reveste a realização de novos estudos sobre a sexualidade juvenil. Afinal, se Portugal apresentou um perfil de respostas tão diferente do encontrado em Espanha, para concluirmos, mencionando o exemplo mais extremo, é necessário perscrutar com mais acuidade a existência de tais diferenças, as suas causas e a sua evolução no tempo.

